

ESQUECIMENTO HISTÓRICO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA: UM RISCO DE VIDA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Maria Célia Lima-Hernandes*

Resumo: Muitos são os processos metonímicos que atuam para a mudança nas línguas, mas muitas das vezes não entendemos bem qual o apelo (ou gatilho social) para que uma mudança seja implementada quando não é um processo em andamento na língua. O objetivo deste trabalho é demonstrar a atuação da normatividade para a opção por uma estrutura lingüística (risco de vida / risco de morte) e qual o papel das categorias cognitivas subjacentes.

Palavras-chave: mudança lingüística; polaridade negativa; processo metonímico; gramaticalização.

Apresentação

As convenções comunicativas ao longo da história da espécie humana e mesmo durante o desenvolvimento de cada indivíduo (da concepção até a maturação de seu cérebro e mente) dependem da atuação de outros elementos: de um aparato físico especial (o cérebro em um arranjo estável de formação de funções mentais); de um arranjo particular de funções, específico de cada um de nós (as vivências individuais, gravadas na nossa experiência biográfica); de um arranjo estável de âmbito superior (os valores da comunidade em que vivemos); e de uma convenção oculta que está depositada na história da espécie humana (“os milhares de anos permitem garantir que a representação interna de cada fato mental é quase-equivalente ao uso de uma expressão da linguagem que o comunica para os outros seres humanos”, conforme Del Nero 1997:108).

Assim partes de corpo são usadas para marcar a posição hierárquica numa cadeia, como cabeça > chefe, braço direito > auxiliar, assessor, e outras expressões complexas como a apresentada em “fulano é meus pés e mãos”. Palavras que indicam direção são mobilizadas para significar processo: “vá *em frente* em seu projeto”, “siga *em frente* toda a vida”. Note-se que, aqui, a trajetória discriminada reflete o ordenamento de categorias cognitivas, mas nem todas são exemplos de rotas de gramaticalização.

* Pesquisadora da Área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo – Brasil. email: mceliah@usp.br

Os processos de deslizamento funcional operam numa malha bastante complexa que envolve vários componentes lingüísticos ao mesmo tempo. Então, quando expressamos uma sentença em que os verbos “dever” e “poder” estão incluídos, estamos também codificando algo além da pura informação, como em “Você deve ir ao baile esta noite / Você pode ir ao baile esta noite”. Além da informação de que “alguém vai ao baile à noite”, ainda se depreende o uso de verbos que não estão empregados em sua função verbal plena, atuando num domínio epistêmico, cuja função é gramaticalizar a intenção do falante e a força de autoridade que detém ao codificar sintaticamente a ordem e permissão¹.

Depreende-se que duas são as motivações para que o processo de deslizamento funcional ou emergência lingüística se instaure: um interno e outro externo. O interno, como expus inicialmente, diz respeito à intenção de criatividade/economia, uma vez que o indivíduo busca inovar por meio da fórmula “formas velhas/sentidos novos”, também guiados por leis de convivência, de idade, de regras sociais. Contudo, se a mente se manifesta também por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema lingüístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua. Na verdade, a motivação para o processo de deslizamento vem de dois pólos imbricados em suas raízes: a língua e o falante dessa mesma língua.

Em Lima-Hernandes (2005), há a identificação de algumas estruturas X-que resultantes da perda de categorias cognitivas na cadeia de codificação sintática. É o que vemos nos seguintes exemplos:

(1) **temos que** o homem deve proteger a natureza... (em final de redação dissertativa, com valor conclusivo)

(1a) temos [com todos os argumentos apresentados] que o homem deve...

(2) tudo porque o homem é um animal predador (introduzindo justificativa de argumento em redação dissertativa)

(2a) tudo [ocorre dessa forma que mostrei] porque o homem é um animal...

Essas estruturas constituem-se cadeias sintáticas com valores ambíguos e são, algumas vezes, interpretadas como ‘erros’ por professores. Há, entretanto, uma motivação discursivo-pragmática para esses usos a qual funciona (tal como demonstrado nos exemplos em *a*) como gatilho discursivo-pragmático da mudança lingüística. É

¹ Ao que parece, a alteração de alguns aspectos, tais como a pessoa gramatical e a entonação, podem interferir no resultado interpretativo.

justamente desse tipo de mudança decorrente de prejuízos categoriais que tratarei neste texto, especialmente voltado à análise da expressão “correr risco de vida” no português brasileiro.

Processos de mudança lingüística

Em alguns tipos de mudança lingüística, conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto²:

By means of this principle, concrete concepts are employed to understand, explain or describe less concrete phenomena. In this way, clearly delineated and/or clearly structured entities are recruited to conceptualize less clearly delineated or structured entities, non-physical experiences are understood in terms of physical experiences, time in terms of space, cause in terms of time, or abstract relations in terms of kinetic processes or spatial relations, etc. (p.150)

Nesse processo dois mecanismos apresentam-se envolvidos: transferência conceptual (metáfora³), que aproxima domínios cognitivos diferentes; e motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia) (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991). A diferença entre eles pode ser expressa da seguinte maneira:

Quadro 1 – Diferenças entre metonímia e metáfora (Bisang 1998: 16)

<u>Metonímia</u>	<u>Metáfora</u>
nível sintagmático	nível paradigmático
reanálise (abdução)	analogia
implicaturas conversacionais	implicaturas convencionais
inter-relação sintática dos constituintes	inter-relação de domínios conceptuais

As inferências metonímica e metafórica constituem processos complementares. O primeiro resulta da contigüidade de significações, favorecida pela proximidade de formas lingüísticas (Ulmann, 1962), ocorrendo, assim, uma associação entre o processo cognitivo de metonímia e o mecanismo de reanálise. O segundo permite a transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre os dois domínios conceptuais, ou seja, da associação do processo cognitivo de metáfora com o mecanismo da analogia resulta a metáfora (Hopper & Traugott 1993).

² Justamente por essa razão, Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário que se realize uma análise sobre a manipulação cognitiva e pragmática, razão por que a transferência conceptual e contextos que favorecem a reinterpretação devem ser observados.

³ Muitos lingüistas (Sweetser 1990, Bybee et alii 1994, Heine & Reh 1984, Heine et alii 1991^a) argumentam que a mudança semântica durante do processo de gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos. Bybee et al. discordam quanto a considerar, entretanto, a metáfora como o mais importante processo responsável pela gramaticalização.

Traugott (1988), como a maioria dos estudiosos da gramaticalização, concorda com essa idéia de que metáfora e metonímia são processos totalmente inseparáveis. Muitas vezes, na análise de um fenômeno já gramaticalizado, é possível observar a atuação de ambos os mecanismos em trechos específicos da mudança. Enquanto a metáfora resolve um problema de representação, a metonímia é associada com a resolução de problemas de informatividade e relevância na comunicação.

Nesse sentido, metáfora e metonímia ajudariam a explicar a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior em um item ou construção mais gramatical. Vale ressaltar que a passagem de um item/construção de menos gramatical para mais gramatical somente é possível através de um estágio intermediário em que um processo conceptual atua, favorecido pela aproximação sintática. Ratificam essa idéia Martelotta et alii (1996:54):

a metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança ou mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

Apoiados em Taylor (1989: 122), Heine; Claudi; Hünemeyer (1991:61) definem metonímia como “a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity”, e defendem que esse é um mecanismo que contribui para o processo de gramaticalização, podendo desencadear a reanálise estrutural.

Segundo a grande maioria dos pesquisadores, ao processo de gramaticalização subjazem processos metafóricos que envolvem inferências a partir de limites conceptuais⁴. E as transferências conceptuais decorrentes desse processo poderão seguir um percurso de alteração unidirecional com base na hierarquia funcional.

A transferência de um sentido ‘literal’ para outro ‘figurado’ e de um domínio de conceptualização para outro promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato. Essa movimentação normalmente é intermediada por uma

⁴ O argumento de Langacker (1987, apud Taylor 1989) parece fundar essa idéia: “Uma entidade será assimilada a uma categoria se uma pessoa encontrar alguma razão plausível para correlacioná-la a um membro prototípico”.

tipo de categoria remeteria essas perdas: seriam as categorias mais básicas desprezadas pelos falantes numa situação interativa espontânea? O prejuízo lingüístico formal seria, então, orientado por fatores sócio-pragmáticos? Essas perdas implicariam a emergência de estrutura inovadora que manteria resíduos semânticos dos elementos não mais presentes. Tratarei dessa questão adiante com exemplos do português falado e escrito por brasileiros cultos.

Na proposta de Sweetser (1988), que discute o processo como uma projeção metafórica de um “domínio (que é fonte) para outro (que é meta), e no qual há, ainda, a aquisição de novo significado” (Neves 1997:127), há o emprego do rótulo ‘*bleaching*’⁷ (desbotamento) para indicar perdas no processo, tal como concebem Lehmann (1982) e Bybee & Pagliuca (1985). Contudo, outros lingüistas, como Traugott, questionaram a idéia de perda por julgarem que ganhos e manutenção de traços também poderiam ocorrer. Apesar de o rótulo escolhido por Sweetser ser indicativo de uma possível perda, ela esclarece posteriormente que subjaz à sua idéia o pressuposto de que a motivação é centrada na necessidade⁸ de novos sentidos, em decorrência do ‘abandono’ (e não perda, subtração ou desaparecimento) de outros sentidos. Assim, para a instauração do processo de gramaticalização, a funcionalidade do sistema estaria em jogo, sempre em busca de equilíbrio, já que, segundo Sweetser, ‘perdas’ seriam compensadas por ganhos⁹:

I have also suggested that there is a sense in which grammaticalization involves loss of meaning, and another sense in which it does not (Sweetser 1988:400).

Se a projeção metafórica é uma tarefa mental, esses ganhos e perdas de ‘sentidos’ ocorreriam previamente num plano cognitivo? Tudo leva a crer que sim, não de forma automática como a desativação de uma chave elétrica, mas como um lento processo permeado de usos ambíguos¹⁰. A ambigüidade constitui-se, assim, como um efeito de sentido provocado por deslizamentos funcionais. Manifesta-se como uma

⁷ Hopper (1996:226) afirma que essa idéia fora introduzida no século XIX por Bopp (1816) e por Gabelentz (1891). Posteriormente foi reavivada por Givón (1979).

⁸ Em alguns casos, essa necessidade representa uma identificação de grupo, como pode ter acontecido com a palavra tipo e expressões derivadas (tipo assim, por exemplo), rejeitadas por falantes mais velhos e com maior tempo de escolarização.

⁹ Heine et alii (1991:110) rotula esse modelo de investigação da gramaticalização como “loss-and-gain model”.

¹⁰ A ambigüidade, nos manuais sobre a boa redação, aparece vinculada a um aspecto ruim, negativo que deve ser elidido do texto, como um vício de linguagem. Nos manuais de estilística, aparece associado a um recurso passível de utilização em textos literários. Na lingüística, é o resultado de um estágio ainda nebuloso da mudança lingüística em processo.

tendência universal das línguas, o que evidencia sua importância na investigação lingüística. Contudo, também integra o conjunto de objetos investigativos mais escorregadios, haja vista sua peculiaridade pouco objetiva, que desassossega o pesquisador.

A expressão *risco de vida* no português brasileiro

A fim de conhecer a explicação dada para a recusa da expressão “risco de vida” e a sua substituição por “risco de morte”, consultamos algumas páginas da internet que discutem e orientam usos da língua portuguesa. Observem-se os seguintes excertos:

(3) A novidade das revisões intempestivas é "**risco de morte**" por "**risco de vida**". Nos jornais, principalmente na Folha de S.Paulo, ninguém corre "risco de vida", frase de clareza solar, indicadora de que a pessoa está em perigo. Na nova ordem lingüística da imprensa, risco, só de morte. Não pensavam assim alguns artífices do idioma. Aluísio de Azevedo, em O cortiço, escreveu: "Delporto e Pompeo foram varridos pela febre amarela e três outros italianos estiveram em **risco de vida**." José de Alencar, em O guarani: "Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com **risco de vida**." Fonte: (<http://www.igutenberg.org/atufrases.html>)

(4) No entanto, há pelo menos duas explicações para o emprego de "**risco de vida**" no lugar de "risco de morte". A primeira delas se baseia no inegável horror que a palavra "**morte**" causa, o que talvez nos faça fugir dela como o diabo foge da cruz. A segunda explicação (talvez mais plausível) se assenta na idéia do cruzamento de construções ("Sua vida corre risco" com "Ele corre risco de vida", por exemplo) ou ainda na pura e simples omissão ("Correr o risco de [perder a] vida"). O nome técnico dessa omissão (de termo que se subentende) é "elipse" (<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/risco.htm>)

(5) Os falantes do Português sempre interpretaram esta expressão como a forma elíptica de "risco de perder a vida". Ao longo dos séculos, todos os que a empregaram e todos os que a ouviram sabiam exatamente do que se tratava: pôr a vida em risco, arriscar a vida. Assim aparece na **Corte na Aldeia**, de Francisco Rodrigues Lobo; nas **Décadas**, de João de Barros; em Machado ("Salvar uma criança com **risco da própria vida**..." - **Quincas Borba**); em Joaquim Nabuco; em Alencar; em Coelho Neto; em Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós; na **Bíblia**, traduzida por João Ferreira de Almeida no séc. 17 ("Ainda que cometesse mentira **a risco da minha vida**, nem por isso coisa nenhuma se esconderia ao rei" - II Samuel 18:13); e assim por diante. Além disso, nossas leis falam em "gratificação por **risco de vida**", o **Código de Ética Médico** fala de "iminente **risco de vida**" e o dicionário do Houaiss, no verbete "risco", exemplifica com **risco de vida**. E agora, meu caro leitor? Achas mesmo que o teu renomado professor, se pudesse entrar em contato com o espírito de Machado ou de Eça, teria a coragem de dizer-lhes nas barbas que eles tinham errado durante toda a sua vida literária - e que ele estava só esperando a oportunidade para dizer o mesmo para Camilo Castelo Branco, Joaquim Nabuco e outros escritores que não tinham tido a sorte de estudar na mesma gramática em que ele estudou? (Cláudio Moreno, http://sualingua.com.br/01/01_risco.htm)

(6) Dizemos assim porque a vida é que está exposta a risco ou perigo. Contudo, querendo-se enfatizar o aspecto oposto, diga-se: "Em jejum há dois meses, ele corre o risco de morrer" (mas não 'risco de morte'). (Piacentini, in <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=90&rv=Gramatica>)

(7) Assim, à pergunta "Qual o certo, risco de vida ou risco de morte?", minha resposta é: as duas! Uma, "risco de morte (ou "de morrer") é mais lógica, é mais adequada cartesianamente falando. A outra, "risco de vida", é legítima, apesar de parecer ilógica, pois em geral "risco de..." se associa a algo ruim: corre-se risco de morrer afogado, de ser seqüestrado (principalmente no Brasil), de eleger um demagogo, etc. Todavia, não podemos desconhecer que "risco de vida" tem forte uso e este uso legitima essa expressão. (http://jc.uol.com.br/2005/12/13/not_102341.php)

Em (3) a explicação é calcada no purismo resfolegante que sobrevive na grande mídia. Em (4), há o conselho de que não se deve remar contra a maré. Deve-se, sim, fazer o que a maioria das pessoas e o costume histórico da comunidade ditam: manter *risco de vida*. Em (5), há a suspeição sobre a ciclicidade de puristas. Moreno, em seu texto, mostra que usos considerados velhos são já consagrados em documentos antigos. Em (6), não há formalmente uma explicação, somente uma constatação interpretativa. Em (7), finalmente, o consultor afirma que é muito mais uma questão de escolha, que ambas estão corretas. Segundo ainda o consultor, essa é uma querela inútil.

Somente a citação de número (5) é capaz de efetivamente explicar historicamente a expressão como efeito de *bleaching* (desbotamento semântico), de alta co-ocorrência (alta frequência dos itens no mesmo sintagma), o que desencadearia a elisão do termo, por economia. O que explica essa necessidade de elisão é justamente o compartilhamento de informações pelos interlocutores. A capacidade de inferir o restante da informação permite ao informante ser mais sintético. Vejam-se os seguintes exemplos:

(8) “estudadas as possibilidades legais para concessão de uma gratificação adicional de **risco de vida** ou periculosidade, com base na respectiva referência, aos servidores lotados nesta Diretoria.” (Parecer 07/99, 22.06.99, da Câmara Municipal RJ)

(8a) ... para concessão de uma gratificação adicional de **risco de [perder a] vida** ou periculosidade...

(9) O casal que ficou ferido, esta manhã, na explosão que ocorreu numa habitação em Arcozelo, Gaia, corre **risco de vida**. A mulher tem queimaduras em mais de 90 (www.jn.sapo.pt/2007/09/21/ultimas/Casal_de_Arcozelo_em_risco_de_vi.html - 32k (de Portugal)

(9a) O casal que ficou ferido (...) corre **risco de [perder a] vida**.

Pelas palavras dos consultores gramaticais citados em (3) a (7), nota-se já a idéia de que a palavra *risco* apresenta um valor semântico bastante evidenciado pela polaridade negativa. Nesse sentido, a elisão do sintagma [perder a] também com alta carga de polaridade negativa, é mantida na informação. Por esse motivo, os falantes não são capazes de identificar a elisão ocorrida no encadeamento sintático. Ocorre que a

carga de polaridade negativa do item *risco* tornou-se mais acentuada do que etimologicamente se concebe.

Ao que parece a expressão “risco de vida” é fruto de um processamento também cognitivo, que podemos chamar, a exemplo do que faz Castilho, de desativação.

Castilho (2004 a, b, 2005, 2006) propõe, em sucessivas reformulações, que o processo de mudança lingüística pode ser apreendido, no bojo de uma teoria multissistêmica, por meio de três princípios: ativação, desativação e reativação. Esse lingüista, após vários contatos com cognitivistas e após a vasta experiência como coordenador geral dos grupos que descreveram a língua falada culta no Brasil, teve um *insight* que o moveu a, inicialmente, publicar um texto em que apresentou generalizações sobre o funcionamento da língua falada (Castilho 1998).

Durante cerca de cinco anos, esse texto foi submetido à discussão e crítica de vários pesquisadores, nos cursos de graduação e de pós-graduação e também em seminários, colóquios e congressos sobre o tema, provocando contínuas reformulações cada vez mais focadas nos movimentos mais gerais das línguas (Castilho 2004a, 2004b, 2006). Em meio a esse contínuo exercício de abstração, durante um processo de recepção de fortes críticas e de contínuos testes e estudos empíricos, nasce a teoria multissistêmica da mudança lingüística, que rejeita tacitamente qualquer direcionalidade ou derivação porque toma a língua como processo e não como produto, e os princípios da *ativação*, *desativação* e *reativação*, propostos na teoria, são representantes dos movimentos mentais com relação às unidades informacionais.

O Princípio da *Ativação* (ou princípio da projeção) diz respeito à escolha de categorias cognitivas e ao agrupamento de traços que comporão a dimensão gramatical, semântica e discursiva de um item e, por extensão, de estruturas. Resultam daí ativações nos vários sistemas: ativação de propriedades semânticas, ativação de propriedades discursivas e ativação de propriedades gramaticais. O princípio da *Desativação* (ou princípio do silêncio) refere-se ao processo de eliminação de traços previamente escolhidos nos vários sistemas lingüísticos. Esse processamento atua no sistema discursivo e tem como efeito a abertura de espaços para digressões, parênteses e/ou, mesmo, abandono do tópico em desenvolvimento; no sistema semântico, nota-se a atuação desse princípio concomitantemente a processamentos metafóricos ou metonímicos. O princípio da *Reativação* (ou princípio da correção) é o movimento

mental de uma nova ativação de traços lexicais. O efeito desse processamento no discurso pode ser apreendido por meio das retomadas textuais e nas relações coesivas sinalizadoras de ilustrações, exemplificações e esclarecimentos sobre partes textuais precedentes. Na semântica, são índices desse processamento as paráfrases e as sinonímias. E, na gramática, as recorrências de palavras em frases e sentenças.

Não se pode ignorar o fato de que, quanto mais ritualizado for um item/estrutura, mais abstratizado será. E esse processo de abstratização pode ser apreendido por meio dos seguintes subprocessos, segundo Bybee (2003), que se baseou em Haiman: a) **habituação** - resulta da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e frequência de seu significado original. GR = repetição gera enfraquecimento da força semântica; b) **automatização** (de seqüência ou unidades) - tem como efeito o uso em bloco em determinado contexto. c) **redução da forma** - ocorre com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações; d) **emancipação** - funções mais instrumentais > funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.

Com os empregos e a tentativa de os consultores gramaticais indicarem como normativa a substituição de *risco de vida* por *risco de morte*, tem-se na verdade a fotografia exata do esquecimento histórico bastante comum na trajetória das línguas. É o que vemos com o verbo *ir*, categorizado como auxiliar de futuro:

(10) Este é apenas um dos motivos pelos quais eu não **vou comprar** um iPod Touch. Atualmente tenho um iPod 30GB preto que tem menos de 3 meses de uso. ... www.bernabauer.com/por-que-eu-nao-vou-comprar-um-ipod-touch/ - 64k

(10a) ...vou [à loja] comprar um iPod...

(10b) ...vou à loja de eletrônicos [comprar um iPod]...

(11) **Vou comprar** um carro!!! Preciso trocar de carro? Veja como financiar até 72 X sem entrada. Consulte-me . Profissional qualificado e com referências. ... www.quebarato.com.br/classificados/cansei-de-andar-de-a-pe-vou-comprar-um-carro-_248934.html - 19k

(11a) vou comprar [na loja] um carro...

(11b) vou comprar na concessionária [um carro]...

Nos dois exemplos em (a), ainda que tenham tido, entre colchetes, o mesmo sintagma destacado, o referente de cada um remete a uma loja típica de cada um dos elementos vendidos: loja de aparelhos eletrônicos (lugar onde se compram aparelhos eletrônicos), loja de automóvel ou concessionária (lugar onde se compram veículos). Os referentes são altamente inferíveis pelo interlocutor numa situação real de uso.

Nos exemplos em (b), o sintagma elidido refere-se ao objeto alvo da compra, um objeto mais concreto, diferentemente dos exemplos em (a) que elidem um evento, categoria cognitiva mais abstrata em relação a de objeto. Observe-se:

Continuum de categorias cognitivas:

pessoa > objeto > instrumento > espaço > tempo > evento/processo > qualidade...

Note-se que objeto está mais à esquerda no continuum do que evento. As categorias mais à esquerda remetem a representações mais concretas no mundo, enquanto as categorias mais à direita, além de incorporarem e tornarem mais pressupostas aquelas à sua esquerda, também remetem a representações mais abstratas no mundo. Assim, um *evento* torna pressuposto para sua realização pessoas que manipulam objetos num determinado espaço físico num tempo estabelecido de acontecimento. Logo, as categorias mais à esquerda são formalmente eliminadas dos encadeamentos sintáticos em situações comunicativas espontâneas.

Pela exposição e pelas evidências apresentadas, nota-se que a *habituação* da expressão *risco de perder a vida* desencadeia um processo pelo qual um organismo pára de responder no mesmo nível a estímulos repetidos; também a *automatização* pela repetição sintagmática gera autonomia do item, cujo efeito é que componentes da construção enfraquecem ou perdem associação com outros usos desse mesmo item. Se um mesmo padrão de inferência ocorre freqüentemente com uma construção em particular, essas inferências podem se tornar parte do sentido dessa construção; a *redução da forma* é esperada como efeito dessa repetição, pois ocorrem fusões semânticas condicionadas pela alta freqüência e seu uso em porções informativas velhas ou inferíveis; por fim, a *emancipação* revela-se na autonomia de *risco de vida* em relação a *perder a*, tornando a primeira expressão mais arraigada na língua, com natural preservação de características morfossintáticas da expressão antiga, qual seja, no caso analisado, a polaridade negativa.

Referências Bibliográficas

- BAUGH, John. A reexamination of the Black English Copula. In: LABOV, William. *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, 1980. (pp.83-106)
- BISANG, Walter. Grammaticalization and Language Contact, Constructions and positions. In: RAMAT, Anna Giacalone & HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of*

grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998 (pp.13-58)

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

Bybee, Joan (2003). Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell (pp. 602-623). www.unm.edu/~jbybee

CABRERA, Juan C. Moreno. An the relationship between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, Anna Giacalone & HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998 (pp.211-228).

Carvalho, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2004.

Castilho, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* (19): 1997 (pp. 25-64).

_____. *A Língua Falada no Ensino do Português*. 1a. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. Análise Multissistêmica Das Preposições Do Eixo Transversal No Português Brasileiro: Espaço /Anterior/ ~ /Posterior/. In: RAMOS, Jânia e ALCKMIN, Mônica (Orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI. (2003, no prelo).

_____. Proposta funcionalista de mudança lingüística: lexicalização, semantização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Texto apresentado no VI Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro. GT de Mudança Gramatical funcionalista. Salvador, agosto-setembro/2004a. (Inédito)

_____. Unidirectionality or multidirectionality? Some issues on grammaticalization. In: *Revista do GEL* (1), 2004b (pp. 35-47).

_____. *Abordagem Da Língua Como Um Sistema Complexo - Contribuições Para Uma Nova Linguística Histórica*. (2006, inédito).

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1971.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CRUZ, Marques da. *Português prático*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEL NERO, Henrique Schützer. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, John (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985 (pp.343-65).

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

EVERS-VERMEUL, Jacqueline. Unidirectionality in the grammaticalization of temporal connectives? In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. *Grammaticalization of the complex sentence: a case study in Chadic*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

- FRANCIS, E. J. Some Semantic reasons why iconicity between lexical categories and their discourse functions isn't perfect. *Language* (20), 1998, pp.399-414.
- GALVÃO, Vânia Casseb. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 1999.
- GENETTI, Carol. From postposition to subordination in Newari. In: TRAUGOTT & HEINE (1991), volume II (pp. 227-256).
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. Nova Iorque: Academic Press, 1979.
- _____. The evolution of dependent clause morpho-syntax in Biblical Hebrew. In: Traugott & Heine (1991). Volume II (pp.257-310).
- GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no Português do Brasil*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.
- HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In W. Pagliuca (ed.) *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. (pp.3-28)
- HAIMAN, J. Talk is cheap: sarcasm, alienation, and the evolution of language. New York: Oxford University Press, 1998.
- HARRIS, Alice C. & CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. (pp.19-20)
- HEINE, Bernd & REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991a (pp. 149-187)
- _____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991b.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.17-35)
- _____. The paradigm of the End of the Universe. In: In: RAMAT, Anna Giacalone & Hopper, Paul. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998 (pp.147-158)
- _____. Some recent trends in grammaticalization. In: *Annual Rev. Anthropolology* (25), 1996 (pp.217-36)
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.
- LEHMANN, Thomas. A grammar of Modern Tamil. Pondicherry: Pondicherry Institute of Linguistics and Culture, 1989, apud HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.
- LEMLE, Miriam & NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobraal, Fundação Ford, 1977.

- LICHTENBERK, Frantisek. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Volume I. (pp.37-80)
- LIMA-HERNANDES, Maria Céilia. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.
- _____. Ordem das orações não-finitas do português arcaico. *Caderno de Resumos da 52ª Reunião da SBPC*. Brasília: Unb, 2000.
- _____. Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Axel (eds) *Estudos de sociolinguística portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a(pp.125-135)
- _____. Relações entre integração e gramaticalização de cláusulas – questionando alguns princípios. *Caderno de resumos do 50º Seminários do GEL*. São Paulo: USP, 2002.
- _____. Gramaticalização de cláusulas: unidirecionalidade é real? *Estudos Lingüísticos XXXII*. Taubaté: Unitau, 2003.
- _____. Tipo: deslizamentos funcionais e gramaticalização. *Estudos Lingüísticos XXXIV*. Campinas: Unicamp, 2004.
- _____. *Interface Sociolinguística/Gramaticalização – estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.
- _____ & GALVÃO, Vânia Casseb. Polaridade no encaixamento. In: KEMMLER, Rolf; SHÄFER-PRIEB, Barbara; SCHÖNBERBER, Axel (eds.) *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichreibung*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europae, 2005.
- LINDSTRÖM, Therese. Unidirectionality – mith, truth or tautology? In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- MACMAHON, April M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1998 [1977].
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912].
- MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, Charles (Ed.) *Historical Linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, 1993. (pp.215-236)
- MITHEN, Steven J. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- MITHUN, Marianne. The role of motivation in the emergence of grammatical categories: the grammaticalization of subjects. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Volume II: focus on types of grammatical markers*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991 (pp.159-184)
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- PÉREZ, Aveline. Time in motion. Grammaticalization of the be going to construction in English. La Trobe University Working Papers in Linguistics (3). In: HEINE & KUTEVA (2002).
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- RODRIGUES, Ângela C. de S. *A concordância verbal no português popular na cidade de São Paulo*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.
- Rodrigues, Angélica T.C. (2006). *"Eu fui e fiz esta tese": as construções do tipo foi fez no português do Brasil*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP.
- SAPIR, Edward. *A linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980 [1920].
- SHIBATANI, Masayoshi. Grammaticalization of topic into subject. In: TRAUGOTT & HEINE, 1991 volume II (pp.93-134).
- SVOROU, Soteria. The lexicalization of locative grams and the unidirectionality hypothesis. In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.
- SWEETSER, Eve E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988 (pp.389-405).]
- _____. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TAYLOR, John R. Polissemia and meaning chains. *Linguistic categorization: prototypes in Linguistics Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1992 [1989]. (pp.99-121)
- THOMPSON, Sandra & MULAC, Anthony. A quantitative perspective on the grammaticization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT & HEINE, 1991, volume II (pp.313-330)
- TOMPA, József. *Kleine ungarische Grammatik*. Leipzig: Enzyklopädie, 1972, apud HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Meaning-change in the development of grammatical markers. *Language Science* 2, 1980 (pp. 44-61), apud HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.
- _____. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988 (pp.406-416)
- _____ & HEINE, Bernd (eds.) The grammaticization of the German modal particles. In: *Approaches to grammaticalization*. Volume II, 1991. (pp.331-380).
- _____ & KÖNIG, Ekkehard. Semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991, (pp.189-218).
- _____ & Bernd HEINE (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- ULMANN, Stephen. *Semantics: An introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Blackwell, 1962.
- VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (pp.27-44)
- _____ et alii. *Dicionário básico de Lingüística Funcional*. Rio de Janeiro: inédito, 1999.

ZIEGELER, Debra. Redefining unidirectionality: is there life after modality? In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam, 2002.